

**GRAEBER, David. *Bullshit jobs: a theory.*
New York: Simon & Schuster, 2018. 333 p.**

Guillermo Stefano Rosa Gómez*

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, RS, Brasil

Doutorando em Antropologia Social (bolsista Capes)

guillermorosagomez@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2902-9993>

O avanço tecnológico, em vez de libertar as pessoas das longas e repetitivas jornadas de trabalho, fez com que elas trabalhassem mais e em coisas que não querem ou não gostam. *Bullshit jobs*, livro do antropólogo norte-americano David Graeber, trata do crescimento dos “empregos sem sentido” ou, mais especificamente, dos *bullshit jobs*, termo que não é necessariamente sinônimo de má remuneração ou de condições precárias de trabalho. São nomeadas assim as formas de emprego desnecessárias ou perniciosas, das quais nem mesmo o empregado consegue justificar a existência, ainda que, como parte das exigências empregatícias, se sinta obrigado a parecer que esse não é o caso. Parte do fenômeno também inclui os processos de “bullshitization”, isto é, de crescimento na quantidade de tarefas sem sentido nos empregos com reconhecido valor social.

Mas quem define o que é um emprego necessário? O autor deixa isso a cargo da interpretação dos próprios trabalhadores, afirmando que não há ninguém melhor do que eles para medir o valor social de seus empregos. Segundo essas prerrogativas, o estudo de Graeber se estruturou metodologicamente a partir das repercussões que seu primeiro ensaio sobre o assunto teve em jornais e blogs, desde sua publicação em 2013. Em um segundo momento, criou um e-mail para que pessoas que se consideravam em um *bullshit job* escrevessem contando sobre a experiência. A partir dos mais de 250 testemunhos que recebeu após ter divulgado a proposta em diversas redes sociais, buscou esmiuçar a categoria, criando tipologias que ajudaram a dar condição objetiva ao fenômeno.

O autor propõe um enfoque analítico na condição subjetiva – os “efeitos morais e psicológicos” – dos *bullshit jobs*. Não foram incomuns relatos de pessoas que recebem remuneração bastante alta, tenham como função apenas atender uma ligação telefônica por dia e se sintam extremamente infelizes com isso. Por que isso acontece? Por que esse não é o emprego dos sonhos? Afinal, menor esforço e maior lucro seria o ideal para um *homo oeconomicus*, sujeito da escolha racional. A fim de evidenciar a predominância dos sentimentos de depressão e inutilidade em casos como esses, Graeber retoma o estatuto moderno do tempo e do trabalho.

A constituição ocidental moderna do tempo de trabalho o transformou em mercadoria e instaurou a separação epistemológica entre a pessoa e sua força de trabalho. Nessas condições, se o trabalhador está ocupando seu tempo

– mesmo que o tenha “de sobra” – fazendo qualquer outra coisa que não aquilo determinado pelo patrão, ele está roubando. A condenação moderna do ócio faz com que ter um *bullshit job* inclua situações de sofrimento social, pois se faz necessário um trabalho emocional no intuito de “fingir que está trabalhando”, atitude necessária para manter a ficção de que se desempenha algo útil mesmo sabendo e sentindo que não. Apesar disso, algumas pessoas conseguem se insubordinar a essas condições, buscando um senso de propósito mobilizado por “tecnologias mentais para fazer o trabalho suportável”.

Mas como a existência de trabalhadores pagos para não trabalhar chegou a ser uma realidade? Por que esse tipo de emprego está proliferando? Uma interpretação mais imediata apontaria que essa é uma característica dos empregos públicos, criados somente para manter as pessoas com vínculos sociais. Graeber não desconsidera que existem *bullshit jobs* no setor público, mas direciona sua crítica ao crescimento do setor F.I.R.E. (finanças, seguros e imobiliário) como o que mais acumula esse tipo de emprego.

Com a finalidade de conseguir evidenciar a existência de *bullshit jobs* no setor privado, o antropólogo se contrapõe às diferentes explicações que os “entusiastas do mercado” davam para a existência de empregos sem sentido. Alguns dos principais argumentos são de que o trabalho deve ser útil por algum motivo que os trabalhadores não entendem ou, ainda, a existência dos empregos inúteis de “papelada” no setor privado seria causada pela intromissão estatal.

A difícil aceitação por parte dos que argumentam a favor de uma regulação livre do mercado é justamente a tensão provocada pela mera existência dos *bullshit jobs*: eles desafiam a lógica conceitual do capitalismo, baseada na ideia de pagar ao menor número de trabalhadores o menor valor possível e buscar o maior lucro. Criticando esse conceito de capitalismo, Graeber mostra que a aparição dos *bullshit jobs* faz mais sentido se considerarmos uma lógica feudalista, na qual a economia e a política se sobrepõem. Instituições *too-big-to-fail* seriam exemplos contemporâneos.

Se existem diversos empregos que não deveriam existir, por que não nos opomos a isso enquanto sociedade? Para responder, o autor convida os leitores a refletir sobre o que significa o trabalho no Ocidente e como tem sido medido seu valor social. Partindo da distinção – não dicotômica e com vários “vazamentos” – entre valor (econômico, quantificável) e valores (belo, verdade, o amor, categorias

imensuráveis), questiona o quanto profissões que têm uma contribuição social alta (lixeiros, professores de escolas primárias, etc.) são as menos remuneradas economicamente, com raras exceções. Essa desproporcionalidade, para Graeber, está ligada ao *ethos* moderno de sacrifício para um bem comum, que leva ao consenso de que trabalhar não é algo bom, mas não trabalhar é ainda pior.

O livro busca narrar o trajeto antropológico do trabalho na sociedade ocidental, evidenciando sua raiz teológica. O conceito “trabalho” é comumente associado a algo oposto ao divertimento, uma atividade onerosa e repetitiva, um meio para atingir algo. Os mitos fundadores de Adão e Prometeu, ambos punidos com o trabalho, acompanham o molde dessa definição. Nessa concepção, o trabalho tem caráter duplo de punição e criação, e o conceito de “produção” deriva das ações de um Deus judaico-cristão que cria o universo a partir do nada, atuando como um artífice. Outro eixo desse trajeto se assenta sobre a noção de “serviço”, derivada da Idade Média. Naquele contexto, se tornar adulto perpassava um processo no qual o aprendiz deveria “servir”, mediante atividade remunerada. Com essas influências, se funda o conceito moderno de trabalho, no qual ele é visto como virtude em si mesmo e meio de formação do caráter. Também se estabelece o “paradoxo do trabalho moderno”: as pessoas obtêm dignidade trabalhando e, ainda assim, uma menor parte realmente gosta do que faz. Trabalho é, simultaneamente, nobre e doloroso.

Expostas as raízes antropológicas que dão substrato para compreensão dos *bullshit jobs*, cabe interrogar quais seus impactos políticos. Graeber reconhece que ao apontar em seu livro que essa forma de emprego é um problema da sociedade enquanto todo, coloca a necessidade de propor uma solução. Apesar de indicar que sua obra é mais diagnóstica do que propositiva, seleciona dentre as alternativas políticas já existentes uma que ajudaria a minimizar a existência dos *bullshit jobs*. A política selecionada são programas de *basic income*, uma renda mínima distribuída a toda população, que permitiria desassociar o trabalho dos meios de subsistência, prevenindo a compulsão por trabalhar e possibilitando que as pessoas escolham preencher seu tempo com atividades que sentem ser úteis ou benéficas aos outros e a si mesmos. Esse novo modelo oportunizaria eliminar inclusive o sadismo nas relações hierárquicas de trabalho, afinal se a vida dos sujeitos não dependesse de seu emprego poderiam dizer “eu me demito” mais facilmente ou, em última instância, teriam tempo para se organizarem politicamente.

Por fim, a obra de David Graeber dá voz aos sujeitos trabalhadores, desde uma diversidade de contextos e profissões. O livro se soma a outros estudos de fôlego do autor, como *Dívida* (Graeber, 2016), nas quais a antropologia histórica tem papel preponderante em interpretar os dilemas contemporâneos. Também se insere em seu trajeto intelectual de reflexões sobre uma teoria do valor social (Graeber, 2013). A leitura interessará pesquisadores e pesquisadoras atentos(as) às transformações no trabalho, conceito fundamental em nossa constituição enquanto sujeitos modernos.

Referências

GRAEBER, D. It its value that brings universes into being. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 3, n. 2, p. 219-243, 2013.

GRAEBER, D. *Dívida: os primeiros 5000 anos*. São Paulo: Três Estrelas, 2016.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional
This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.